

Agricultura em São Paulo

BOLETIM DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Sumário:

População rural e produção agrícola do Estado de São Paulo	1
Questões de Política Agrícola	5
Situação da lavoura no mês de Maio 5ª previsão de safras	9
11	11
13	13
18	18
19	19
23	23

A N O I N.º 3

J. U N H O 1951

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL
SECRETARIA DA AGRICULTURA
ESTADO DE SÃO PAULO

A AGRICULTURA EM SÃO PAULO

Boletim da Subdivisão de Economia Rural

Rua Anchieta, 41 - 6º andar, Caixa Postal, 8083

SUBDIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Chefe: Engº Agrº Ruy Miller Paiva

SECCOES

POLÍTICA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Engº Agrº Ruy Miller Paiva (Chefe)
Engº Agrº Salomão Schattan

PREVISÃO DE SAFRAS E CADASTRO

Engº Agrº Mario Zaroni (Chefe)
Engº Agrº Francisco Prudente Filho
Engº Agrº Oswaldo Baptista da Costa

MERCADOS E PREÇOS

Engº Agrº Rubens Araujo Dias (Chefe)
Engº Agrº Constantino Carneiro Fraga

ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RURAL

Engº Agrº Osear J. T. Ettori (Chefe)
Engº Agrº Fernando S. Gomes Jr.

DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

Diretor: Engº Agrº Mario D. Homem de Mello

DEPARTAMENTO DA PRODUÇÃO VEGETAL

Diretor Geral: Engº Agrº Nelson Schmidt

SECRETARIA DA AGRICULTURA

São Paulo

Impresso na D.F.A.

Brasil

18-VI-51

POPULAÇÃO RURAL E PRODUÇÃO AGRÍCOLA DO ESTADO DE S. PAULO

(De 1.934 a 1.951)

A publicação dos primeiros resultados do recenseamento da população do Estado, em 1.950, dando a conhecer o numero de habitantes das sédes municipais, tornou possível a- quilatar as mutações demograficas sofridas pelas diversas regiões do Estado, desde 1.934, quando do recenseamento demografico escolar e agricola, realizado, então, pelo Governo do Estado.

As impressões unanimes dos observadores de questões economicas do Estado foram confirmadas: - houve aumento da população urbana, exodo rural em certas regiões centrais e "marcha para oeste".

Entretanto, sob o ponto de vista particular, no que interessa a subsistencia da população do Estado, sempre crescente e avolumada pelas correntes migratorias, ha necessidade de se analisar as mudançãs verificadas no quadro demografico cujos numeros absolutos são os seguintes, pelos Setores de Fomento Agricola: (Vide tambem, mapa na capa).

POPULAÇÃO ABSOLUTA DOS SETORES AGRÍCOLAS

Em 1934 e 1950

S E T O R E S	1 9 3 4			1 9 5 0		
	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL
Araçatuba	29.173	148.348	177.521	94.885	293.158	388.043
Araraquara	80.347	285.887	366.234	112.698	192.816	305.514
Avaré	60.520	288.359	348.879	104.689	235.844	340.533
Baurú	60.143	264.078	324.221	120.550	225.974	346.524
Bebedouro	61.380	244.614	305.994	89.992	192.768	282.760
Campinas	170.488	339.146	509.634	257.497	275.630	533.127
Itapetininga	44.957	169.902	214.859	73.244	198.994	272.238
Jau	44.257	136.875	181.132	49.540	108.135	157.675
Marília	25.092	117.085	142.177	134.049	381.618	515.667
Piracicaba	82.393	201.455	283.848	161.605	167.678	329.283
Piraçununga	82.071	246.704	328.775	121.770	219.876	341.646
Pres. Prudente	26.567	189.792	216.359	109.816	387.523	497.339
Ribeirão Preto	116.173	358.585	474.758	181.530	311.986	493.516
S. J. Rio Preto	62.854	353.464	416.318	140.157	456.251	596.408
São Paulo	1.174.199	555.130	1.729.329	2.665.910	685.300	3.351.210
Taubaté	124.441	288.848	413.289	214.150	276.977	491.127
T o t a i s ...	2.245.055	4.188.272	6.433.327	4.632.082	4.610.528	9.242.610

Para melhor avaliação das alterações verificadas, nestes últimos 17 anos, o quadro comparativo da composição porcentual da população dos anos de 1.934 e 1.950 oferece maiores elementos. Por este se verifica que para um aumento geral de 43,67 % da população total do Estado, da população rural proveio apenas 6,57 %, enquanto que a urbana aumentou em 37,10 %. Mesmo assim, esse 37,10 % de aumento da população urbana, resulta de 23,18 % do aumento da Capital e cidades vizinhas, restando 13,82 % para as demais cidades do interior.

De modo geral, como se verifica do quadro 2, logo abaixo, a população urbana cresceu em todos os setores. A população rural caiu nos setores centrais tais como Araraquara, Avaré, Baurú, Bebedouro, Campinas, Jau, Piracicaba, Piraquunga, Ribeirão Preto e no setor de Taubaté compreendendo os municípios do vale do Paraíba e litoral norte.

QUADRO PORCENTUAL COMPARATIVO DAS POPULAÇÕES DOS SETORES

DE 1934 PARA 1950

SETORES	1 9 3 4			1 9 5 0			AUMENTO E DIMINUIÇÃO		
	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL	URBANA	RURAL	TOTAL
Araçatuba	0,45	2,30	2,76	1,47	4,55	6,03	1,42	2,25	3,27
Araraquara	1,25	4,44	5,70	1,80	3,00	4,80	0,55	-1,44	-0,90
Avaré	0,94	4,50	5,42	1,62	3,70	5,30	0,68	-0,80	-0,12
Baurú	0,93	4,11	5,03	1,90	3,51	5,40	0,97	-0,60	-0,37
Bebedouro	0,95	3,90	4,80	1,40	3,00	4,40	0,45	-0,90	-0,40
Campinas	2,65	5,27	7,92	4,00	4,28	8,28	1,35	-0,99	0,32
Itapetininga	0,70	2,64	3,34	1,14	3,09	4,23	0,44	0,45	0,89
Jau	0,69	2,13	2,82	0,77	1,68	2,45	0,08	-0,45	-0,37
Marília	0,39	1,81	2,20	2,08	5,93	8,01	1,69	4,12	5,81
Piracicaba	1,28	3,13	4,41	2,51	2,61	5,12	1,23	-0,52	0,71
Piraquunga	1,28	3,83	5,11	1,89	3,42	5,31	0,61	-0,41	0,20
Pres.prudente	0,41	2,95	3,36	1,71	6,02	7,73	1,30	3,09	4,37
Rib. preto	1,81	5,57	7,38	2,82	4,85	7,67	1,81	-0,72	0,29
S.J.Rio Preto	0,98	5,49	6,47	2,18	7,09	9,27	1,20	1,60	2,80
São Paulo	18,25	8,63	22,88	41,43	10,65	52,09	23,18	2,02	29,21
Taubaté	1,93	4,49	6,42	3,33	4,30	7,63	1,40	-0,19	1,21
ESTADO	34,90	65,10	100 %	72,00	71,67	143,67	37,10	6,57	43,67

Para que melhor se possa avaliar a importancia do despovoamento de certos setores, basta comparar os dados do quadro abaixo, relativo ao numero de habitantes da zona rural por quilometro quadrado. Araraquara que possuia em 1.934, 25 habitantes por Km.2., caiu para 17,2 hbt. por Km2

A diminuicao do numero de habitantes em diversos setores foi compensada pelo aumento de outros da zona oeste, tais como o de Marilia, que de 8,7 hbt. por Km.2. passou para 28,5; Presidente Prudente, de 8,3 passou para 16,9; Araçatuba, de 8,9 para 17,6. O setor de Itapetininga teve aumento insignificante: de 8,7 para 9,6. O setor de São José do Rio Preto cuja populacao rural não era pequena teve apenas 4% de aumento.

Deste modo verifica-se que após 16 anos, a populacao rural do Estado, aumentou apenas de 16,7 hbt. para 18,6 por Km.2.

HABITANTES POR KM2 (POPULAÇÃO RURAL)

SETORES	KMS2	HABITANTES POR KM2	
		1934	1950
Araçatuba	16.635	8,9	17,6
Araraquara	11.150	25,6	17,2
Avaré	18.150	15,8	12,9
Baurú	10.855	24,3	20,8
Bebedouro	10.884	22,2	17,7
Campinas	10.610	31,9	25,9
Itapetininga	20.636	8,2	9,6
Jaú	5.177	26,5	21,1
Marília	13.350	8,7	28,5
Piracicaba	7.588	26,5	22,0
Piraçununga	9.781	25,2	22,4
Presidente Prudente	22.806	8,3	16,9
Ribeirão Preto	17.589	20,3	17,7
S. José do Rio Preto	24.887	14,2	18,2
São Paulo	29.698	18,6	23,0
Taubaté	16.253	17,7	17,0
ESTADO	247.049	16,9	18,6

Entretanto, não obstante o deslocamento da populacao para zonas mais novas, porem mais afastadas, não proporcionou aumento de producao "per capita", pois que o velu-

me da produção dos 15 principais produtos manteve-se, durante 17 anos, praticamente o mesmo, girando a produção "per capita", em torno de 0,93 a 1,50 toneladas. Em suma, o exame comparativo dos quadros 1 - 2 - 3 e 4 sugerem muitas reflexões sobre o problema da subsistência das populações urbanas, em continuo crescimento, devido relativa instabilidade da população rural, produtora de alimentos, - tanto no que diz respeito ao seu aumento, pouco consideravel, como da sua capacidade produtiva pouco variavel em torno de uma tonelada e 119 quilos "per capita", em média.

Nestes últimos 17 anos acompanhando o deslocamento da população rural para oeste verificou-se paralelamente o deslocamento da produção cujos exemplos frizantes são encontrados na do café e algodão, que serão focalizados no proximo numero deste boletim.

RELAÇÃO ENTRE A PRODUÇÃO AGRÍCOLA E A POPULAÇÃO RURAL

Ânos Agrícolas	VOLUME DA PRODUÇÃO Toneladas	AUMENTO DA POPULAÇÃO RURAL	PRODUÇÃO "Per capita"
1934/35	3.955.793	4.188.272	0,94
1935/36	4.856.120	4.216.423	1,14
1936/37	5.358.066	4.244.574	1,21
1937/38	-	4.272.725	-
1938/39	-	4.300.876	-
1939/40	4.935.237	4.329.027	1,14
1940/41	4.081.969	4.357.178	0,93
1941/42	4.338.159	4.385.329	0,98
1942/43	6.749.356	4.413.480	1,52
1943/44	5.849.869	4.441.631	1,31
1944/45	4.661.053	4.469.782	1,04
1945/46	5.654.195	4.497.933	1,25
1946/47	5.386.955	4.526.084	1,19
1947/48	4.881.600	4.554.235	1,07
1948/49	4.718.228	4.582.386	1,02
1949/50	4.326.307	4.610.537	0,93
1950/51	4.927.885	4.638.688	1,06
MÉDIA	4.965.386	4.436.000	1,119

De 1934/35 a 41/42: Estatística Agrícola e Zootécnica.

De 1942/43 a 50/51: Seção de Previsão de Safras e Cadastro.

QUESTÕES DE POLITICA AGRICOLA

O COMBATE A ELEVAÇÃO DO CUSTO D E VIDA .

Com o objetivo de combater o encarecimento geral do custo de vida, o Presidente da Republica acaba de solicitar do Congresso a aprovação de três projetos de lei, referentes a reestruturação da Comissão de Preços, a criação da Comissão de Abastecimentos e a especificação dos novos crimes contra a economia popular. Com tais elementos o Governo espera pôr um paradeiro a elevação do custo de vida.

A repercussão dessas medidas entre os agricultores tem sido grande. Sabem que a elevação dos preços de seus produtos é importante fator no encarecimento do custo de vida e receiam por isso sejam tomadas medidas prejudiciais aos seus interesses. Conforme os dados abaixo, o preço dos alimentos se não foi dos que mostraram maior elevação é dos que mais contribuem para o encarecimento do custo de vida porque entram com quota superior a 50 % das despesas totais.

	Índice dos preços de Janeiro de 1951 em re lação à média de 1939	% de cada item nas despesas totais de uma família operária
Alimentação	424,8	54,12
Habitação	472,0	15,33
Vestuário	532,5	10,56
Combustível	400,3	4,41
Assistência médica-farmo-dentária	409,4	2,15
Fumo	311,0	2,07
Artigos de limpeza doméstica	493,5	2,03
Móveis	492,0	1,48
Transporte	277,8	1,86
Diversos	192,4	5,99
Índice ponderado do custo de vida	437,07	100,00

Fonte:- Divisão de Estatística e Documentação Social
da Prefeitura Municipal de São Paulo.-

A leitura dos projetos, assim como dos considerandos que o precedem, leva-nos a conclusão que os alvos dessas medidas são as margens de lucro dos comerciantes e a possibilidade de manipulação do mercado. Forçando uma diminuição na margem entre os preços dos produtores e dos consumidores e eliminando a possibilidade de açambarcamento dos generos de

Primeira necessidade, - seja através do congelamento de preços, ou da fixação de lucros máximos do comerciante ou ainda da aquisição e estocagem do produto - é que se espera diminuir o custo de vida. Não é através de uma diminuição dos preços recebidos pelos produtores que se espera atingir tais objetivos.

Por conseguinte, os agricultores não precisariam, em princípio, se preocupar com esses projetos de lei. Há, porém, certos dispositivos nesses projetos que os preocupam porque dão aos organismos que forem criados, a autoridade para adotar medidas que lhes podem ser prejudiciais. Assim é que os seus produtos podem ser tabelados em níveis inferiores; e as importações e exportações de determinados produtos podem ser controladas de modo a forçar uma queda de seus preços.

Vejamos a seguir, os efeitos da adoção dessas medidas em relação aos interesses dos agricultores.

Tabelamentos de preços- O tabelamento de preços é medida que tem pouca possibilidade de ser aplicada aos produtos agrícolas. Com exceção dos produtos que dispõem de uma comercialização centralizada como o leite, açúcar, carne, óleos, etc., os demais, como o arroz, feijão, milho, etc., não podem ser sujeitos a um tabelamento efetivo porque os produtores e consumidores tenderão a burlar as leis, comercializando os produtos diretamente, a preços inferiores ou superiores aos da tabela. Além disso esses produtos, estão sujeitos a flutuações anuais de produção e o tabelamento de seus preços exigiria muitas vezes a manutenção de uma custosa organização para executar o racionamento do produto, racionamento esse que deverá funcionar por alguns meses apenas pois com novas colheitas que entram no mercado, os preços tendem a cair a níveis inferiores aos tabelados. Os dados abaixo confirmam esse ponto.

Cra. \$ por saca	1948		1949		1950		1951	
	BENEFICIÁRIO	JUNHO	JANEIRO	JUNHO	JANEIRO	JUNHO	JANEIRO	JUNHO
Arroz		223,20	268,80	260,30	286,00	178,40	178,60	172,40
Feijão		224,10	131,30	82,10	90,90	134,40	128,50	190,80
Milho		65,60	91,50	76,60	86,90	50,60	65,50	67,50
Batata		147,70	65,10	113,40	121,60	211,30	115,70	200,20
Amendoim		54,90	39,60	50,80	53,70	55,20	65,20	52,80

Preço pago aos produtores - FONTE:- Sub Divisão de Economia Rural.-

É importante notar que nesse caso pouco adiantaria que os preços fossem tabelados em outros meses que não o de janeiro de 1.951, ou mesmo que fossem corrigidos de acordo com os cálculos de custo de produção. Os inconvenientes da flutuação se manteriam em qualquer desses casos.

O tabelamento é melhor indicado para produtos, como o arroz, cujos preços de varejo em São Paulo, não tem caído na mesma proporção que o dos produtos no interior. Nesse caso o tabelamento beneficia os consumidores, mas ainda assim surgem os inconvenientes pois vem desencorajar os produtores nos novos plantios, fato esse que deve ser levado em consideração, principalmente agora, que os preços do algodão já os estão levando a substituir suas culturas de arroz.

Controle da importação e da exportação: O caso do algodão:

De um modo geral, pode-se afirmar que a livre importação de determinados artigos para o abastecimento interno, como a carne, leite, batata e outros é uma medida que não se mostra vantajosa à agricultura e nem aos interesses gerais da economia do país. Se as produções não são suficientes para suprir satisfatoriamente os consumidores não é forçando a baixa de seus preços que se consegue o necessário incremento da produção.

Mas é em relação a proibição da exportação do algodão que a questão do controle do comércio exterior mostra maior interesse para os agricultores tendo sido mesmo apontada como causadora das recentes quedas de seus preços. São dois os argumentos usados pelos que advogam a adoção de tal medida: o de combater o encarecimento do custo de vida e o de garantir o suprimento de matéria prima às indústrias. Ambos são de certo modo procedentes. Pois a atual elevação de preços reflete diretamente (em proporção, porém, relativamente muito pequena) no preço dos tecidos o qual concorre com 2,5% das despesas de uma família operária em São Paulo, além de refletir, indiretamente, no custo de inúmeros outros artigos.

Sendo os preços elevados é também possível admitir-se que os comerciantes não se mostrem inclinados a manter o produto para fornecê-lo durante o ano, parceladamente, aos industriais. Com receio de uma possível queda de preços é de se esperar que os comerciantes, prefiram exportar o algodão a mantê-lo aqui.

Todavia, a proibição de exportação não é a medida mais aconselhada para ambos os casos. Poderá evitar o encarecimento do custo de vida mas seria necessário que viesse acompanhada de outras medidas que tabelassem o preço dos tecidos

e a margem de lucro do comércio. Limitar o preço dos produtos, deixando livre o dos demais interessados, não traz um paradeiro a elevação do custo de vida além de não ser medida justa, o que é digno de menção pois somente agora é que os produtores agrícolas começam a se refazer do longo período em que os preços de seus produtos eram baixos e o dos produtos não agrícolas excessivamente elevados.

O controle da exportação não é medida fácil de ser aplicada. Não se pode simplesmente decretar a sua suspensão. É necessário adotar um sistema de quotas para cada firma exportadora, proporcional ao volume exportado nos anos anteriores, pois só assim poder-se-á evitar muita injustiça e certa corrida para os pedidos de exportação. E por último, é preciso ponderar que a medida seria em grande parte inocua uma vez que os preços dos tecidos já refletem a alta dos preços da fibra.

Quanto à questão da garantia do suprimento interno, pode-se afirmar que surgindo dificuldade para os industriais fazerem suas aquisições na Bolsa, a solução mais coerente seria obtida com uma forma de crédito especial para a aquisição e estocagem do produto.

A proibição da exportação do algodão não é pois medida que deva ser tomada. O benefício que poderá trazer em termos de uma pequena diminuição de custo de vida não compensará as dificuldades de seu emprêgo e a injustiça que se comete contra os produtores agrícolas que somente agora recebem preços realmente compensadores.

Considerações de ordem geral: Sem entrar no mérito desses projetos de leis quanto às possibilidades de combaterem o encarecimento geral do custo de vida ou de determinarem a melhoria do bem estar nacional, podemos dizer que estas podem não se mostrar prejudiciais aos interesses da agricultura, se forem bem aplicadas. E em certos aspectos estas podem mesmo ser favoráveis. Assim é que o controle do transporte dos produtos do interior para os centros consumidores, a aquisição do produto e sua venda no centro de consumo, o controle dos preços de produtos importados e mesmo o tabelamento da margem em geral de comércio, são medidas que virão em benefício do produtor. Ainda que essas medidas visem em primeiro lugar, conforme já dissemos, atender aos interesses do consumidor nacional através da diminuição da margem entre os preços do produtor e do consumidor e do combate ao açambarcamento, elas também podem, se bem aplicadas, servir aos interesses do produtor agrícola.

Para que se mostrassem mais construtivas seria necessário que viessem acompanhadas de outras que auxiliassem a melhoria da capacidade de produção da agricultura e a eficiência do comércio desses produtos porque as margens elevadas e o agambaramento são em ultima análise resultantes da precariedade de instalações do comércio desse ramo de atividade.

SITUAÇÃO DA LAVOURA NO MÊS DE MAIO

Algodão:- O tempo decorreu frio com geadas fracas e parciais ao sul e sudoeste, tendo havido somente dois dias de chuva que não ocasionaram prejuízos. Os demais dias secos favoreceram os trabalhos de colheita e melhor qualidade média do algodão colhido.

As entradas totais de algodão em carogo nas máquinas atingiram a 55% da safra prevista. Os setores de Presidente Prudente, Marília, Aracatuba e Rio Preto, que perfazem 70% da área algodoeira, participaram com 39,8% das entradas, cabendo 15,3 aos demais setores. Nestes as entradas, como foi mencionado no boletim anterior, se processam mais lentamente, pois achando-se a colheita no seu termino, com rendimento médio de 98 arrobas, contra 78 dos primeiros, deveriam ter suas entradas aumentadas, fato esse que si se verificar no corrente mês poderá indicar que as previsões foram otimistas para as chamadas zonas velhas.

Os efeitos da lagarta rosada são mais ou menos generalizadas persistindo o marcante contraste entre as culturas tratadas com inseticidas modernos e feitas em outubro-novembro sobre as tardias ou não tratadas.

Em muitos pontos está sendo dado inicio e arrancamento de sequeiras havendo generalizada preocupação com os preparativos para futuras safras.

Café:- Persistiram as boas condições para inicio da colheita, com varrições e inicio das derraças. Entretanto, terão a sua intensidade aumentada no corrente mês. A impressão que se tem dos relatorios dos agronomos regionais, em geral, é de que o bicho mineiro, constitue praga que tomou conta de quasi todas as plantações. Tem-se que os seus efeitos, geadas e estiagens venham desfazer as esperanças de uma safra maior para o ano que vem.

Cessaram as replantas, porém já se cuida do preparo de

viveiros com a procura de sementes selecionadas para esse fim.

Cereais:- Praticamente concluída a colheita de arroz, reinando grande desanimos em relação aos preços alcançados, principalmente entre os pequenos produtores de arroz de sequeiro do nordeste do Estado que fazem a colheita manual. O milho acha-se em sua quasi totalidade colhido e empalado. As sementeiras de trigo em Itapetininga, Itapeva e São Pedro, foram em parte prejudicadas, esperando-se colheita inferior a do ano passado.

Laranjas:- A colheita acha-se ligeiramente atrasada. A preferencia pela tangerina-cravo, para consumo interno, desperta interesse para novas plantações.

Canas e mandioca:- O tempo frio não deixou de retardar a maturação da cana e as novas plantações.

Pelos primeiros motivos algumas usinas alegam que o inicio da moagem será retardado. Prossegue o arrancamento de raízes de mandioca havendo desinteresse por novos plantios tanto pela falta de manivas sadias e interesse economico.

Feijão e batatinha (seca) :- Os feijões estão em ponto proximo da colheita. A falta de chuvas e o frio tem prejudicado as plantações de batatinha, receando-se que as plantações tardias venham a ser prejudicadas pelas possiveis geadas.

Amendoim da seca:- Está na sua fase final, principalmente no setor de Marília.

Mamonas:- A colheita está atrasada e prejudicada pelo frio que não só atraza a frutificação e maturação como secagem dos frutos. Apesar dos preços não serem baixos - Cr. \$ 4,07 o quilo - não interessa para grandes plantios.

Olericulturas:- Prosseguem os tratos culturais e colheitas de tomate. Efetuaram-se transplantes e tratos culturais de cebola e cenoura.

1950/51

5a. PREVISÃO

SETORES	Nº de municípios que compõem o Setor	C A F É		A L G O D Ã O		M A M O N A		F E I J Ã O (sêca)		B A T A T A (sêca)	
		Nº de mil pés	Ses. 60 qls. benef.	Área (alqs)	Arrobas em saçoço	Área (alqs)	Sacos (50 qls)	Área (alqs)	Sacos (60 qls)	Área (alqs)	Sacos (60 qls)
Araçatuba	16	76.358	579.730	56.115	4.817.600	350	13.200	1.000	25.000	-	-
Araraquara	16	76.430	431.300	14.320	1.065.000	500	20.500	1.870	47.900	-	-
Avaré	28	88.579	821.350	9.520	906.400	890	46.640	700	36.250	248	56.200
Baurú	18	146.800	1.332.860	21.237	1.791.000	450	19.500	835	39.520	80	16.500
Bebedouro	16	62.628	377.860	14.094	1.556.340	2.610	94.400	900	22.500	-	-
Campinas	24	42.500	261.945	12.857	1.497.000	-	-	805	13.060	536	89.140
Itapetininga	20	3.096	17.802	10.621	963.050	12	720	590	15.680	251	68.200
Jaú	10	65.578	389.650	3.414	264.790	440	91.700	870	19.000	-	-
Marília	22	180.244	1.121.316	76.990	6.285.688	963	60.850	2.843	112.305	837	201.650
Piracicaba	18	11.859	101.540	11.050	1.012.720	-	-	2.066	36.250	238	60.150
Piraçununga	19	41.682	243.301	14.394	1.316.100	-	-	3.760	46.100	1.215	108.050
Pres. Prudente	22	39.910	296.413	151.200	11.088.000	3.990	223.500	1.910	60.500	7.788	1.335.750
Rib. Preto	31	95.175	539.000	27.757	3.114.340	582	24.450	4.790	162.350	35	9.000
S. J. Rio Preto	34	142.701	786.608	55.541	4.095.739	-	-	5.307	122.430	-	-
São Paulo	42	15.515	90.067	1.192	132.999	-	-	1.782	50.707	982	246.430
Taubaté	33	4.191	18.187	-	-	-	-	1.019	24.550	10	2.000
T O T A I S ...	369	1.093.246	7.348.929	480.302	39.906.766	10.787	595.460	31.047	834.102	12.220	2.193.070

Dados fornecidos pelos Agrônomos Regionais da Seção de Regiões Agrícolas.

NOTA:- Arrôz	204.488 alqs.	12.720.450 ses. 50 qls.	Menta	3.074 alqs.	552.800 quilos
Milho	308.746 "	17.924.799 " 60 "	Alfafa	1.193 "	19.795 toneladas
Amendoim (águas) ..	48.699 "	5.883.086 " 25 "	Fumo em sorda ..	2.247 "	119.000 arrobas
Amendoim (sêca) ..	23.112 "	1.881.420 " 25 "	Ramie	221 "	615.000 quilos
Mandioca	17.584 "	666.433 toneladas	Feijão (águas) ..	47.752 "	1.198.660 ses. 60 quilos
Cana de açúcar ..	76.648 "	8.436.222 "	Batata (águas) ..	7.675 "	1.808.710 " " "
Banana	22.583.000 toneladas	20.531.935 sacos	Cebola	2.218 "	1.523.524 arrobas
Sója	268 alqs.	10.609 ses. 60 qls.	Tomate	3.741 "	2.471.380 saixas
			Leguminosa	3.443.315 pés	2.814.750 "

LEVANTAMENTOS ECONÔMICOS DA SUB-DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS LAVRADORES
MÊS DE MAIO DE 1951 *

POR SETORES AGRÍCOLAS	ARRÓS		FEIJÃO MILHO		CAFÉ		ALGODÃO EM CAROÇO	AMENDOIM MAMONA		BATATA
	Em casa. Se. 60 Ks	Benef. 60 Ks.	Ses. de 60 Ks.	Ses. Em sêco 60 Ks	Benefic. Se. 40Ks	Se. 60 Ks	Por Arroba	Em casa. Se. 25 Ks	Por Quilo	Ses. 60 Ks.
Araçatuba	94,50	163,10	213,20	63,90	311,10	1.081,20	142,20	54,90	3,80	190,00
Araçuaia	96,20	164,60	212,00	75,80	320,00	1.200,00	143,80	54,50	4,50	240,00
Avaré	94,40	164,50	169,40	65,90	320,30	1.081,50	143,10	60,00	3,87	187,90
Baurú	100,80	185,00	186,90	64,40	304,30	1.045,40	143,70	54,00	3,91	236,80
Bebedouro	109,40	177,60	177,10	66,70	300,50	1.061,10	139,80	55,00	4,07	200,00
Campania	103,40	178,20	217,60	78,70	300,00	1.096,10	149,50	70,00	-	218,50
Capetininga	92,40	171,30	186,80	66,80	300,00	1.159,50	132,50	80,00	-	171,20
Jau	103,60	189,30	211,70	68,60	320,00	1.080,00	146,00	-	4,50	215,00
Jaraguá	93,80	174,10	182,10	65,70	309,00	1.094,50	142,10	54,90	4,00	194,40
Piracicaba	106,00	183,60	209,50	68,50	324,40	1.014,80	150,90	50,00	-	223,60
Pirajuí	96,40	180,30	212,70	62,80	339,80	1.066,70	148,30	50,00	-	181,90
P. Prudente	100,20	168,00	190,10	55,70	314,10	1.097,70	139,70	49,70	3,68	222,40
Rib. Preto	107,30	181,90	191,00	62,10	303,90	1.085,70	140,00	48,50	4,21	200,00
S. J. R. Preto	100,70	162,90	175,80	63,20	314,40	1.092,70	142,80	52,80	3,90	235,00
São Paulo	79,70	154,60	176,30	77,20	340,00	1.080,00	-	-	-	190,20
Taubaté	100,40	179,70	-	90,00	-	-	-	-	-	-
Preço médio do Estado MAIO de 1951	99,90	172,40	190,80	67,50	312,90	1.085,20	141,90	52,80	4,07	200,20
idem Abril 51	93,00	172,80	170,00	68,00	310,50	1.080,50	126,40	53,70	3,99	183,90
" Mar 51	97,50	172,70	162,00	66,60	313,20	1.085,40	134,80	50,80	3,91	160,90
" Fev 51	197,80	174,00	148,50	66,10	318,00	1.096,20	-	59,50	3,61	135,90
" Jan 51	102,70	178,60	128,50	65,50	316,10	1.076,60	-	65,60	3,34	115,70
" Dez 50	104,70	182,00	132,00	62,10	304,60	1.032,30	-	84,50	2,93	173,90
" Nov 50	111,40	193,40	137,30	61,60	311,80	1.056,60	-	99,80	2,65	240,60
" Out 50	125,50	207,10	139,30	58,30	336,40	1.133,00	80,60	93,70	2,86	214,50
" Set 50	125,80	209,50	135,00	56,10	353,20	1.165,60	79,90	90,70	2,90	199,40
" Ago 50	117,10	197,10	130,30	53,00	334,20	1.096,50	82,50	88,90	2,16	198,60
" Jul 50	104,90	179,10	127,90	49,90	316,50	1.043,30	79,60	72,10	2,02	190,70
" Jun 50	108,60	182,50	130,60	50,70	278,00	932,50	73,20	54,90	1,96	208,50
" Mai 50	107,70	184,80	148,10	55,00	275,60	913,00	60,70	49,80	1,94	180,20

(x) Dados de Maio sujeitos a revisão superior.

Coletados pela Seção de Mercados e Preços.

NOTA:- As ponderações usadas para o cálculo do preço médio do Estado, foram recalculadas

à base de estimativa de produção de Junho de 1950, sendo revistos os preços de Ja

neiro a Dezembro de 1950.-

MERCADOS E PREÇOS

Café:- Continúa reduzido o volume de negocios na praça de Santos. A abolição do imposto de vendas e consignações já em vigor ainda não fez sentir os efeitos esperados.

Esse ambiente de expectativa é devido em parte à proximidade da nova safra e as medidas governamentais de defesa dos preços do produto. Entretanto, essa redução nos negocios não parece ter grande influencia nas exportações. Assim, em maio foram exportados por Santos, 615.722 sacos, volume esse, praticamente igual à média dos quatro primeiros meses d'este ano. Ao mesmo tempo verifica-se que as exportações de maio são superiores as registradas em outubro, novembro e janeiro da safra 50/51, quando não vigorava nenhuma medida de controle dos preços.

Por outro lado, o volume das exportações brasileiras também não foi afetado. Assim nos 11 meses da presente safra foram exportados 15,7 milhões de sacas contra 15,8 embarcados em igual período da safra anterior.

Os preços no interior acusaram ligeira alta em relação ao mês anterior. Em maio, o preço médio para o café beneficiado foi de Cr. \$ 1.085,20 por saca de 60 quilos.

Algodão:- Em maio, o mercado do algodão em São Paulo, transcorreu confuso e com marcante tendência para baixa. Nos primeiros dias do mês, o preço do tipo 5 no disponível acusou sucessivas altas, elevando-se de Cr. \$ 395,00 no dia 2, a Cr. \$ 417,00 nos dias 9 e 10. A partir daí, os preços vieram caindo continuamente, atingindo, nos dias 29 e 30 o limite máximo de baixa, permitido pelos regulamentos da Bolsa. O mês fechou a 31, com uma pequena reação e com o disponível 5 cotado à Cr. \$ 355,00 por 15 quilos. A queda de cotação registrada entre os dias 2 e 31, foi portanto de Cr. \$ 40,00 por arroba. O termo, acompanhou em linhas gerais essa flutuação, com julho acusando queda de Cr. \$ 50,00 por 15 quilos, entre o início e o fim do mês. Para os meses distantes registraram-se quedas menores.

As violentas quedas acusadas nas cotações não foram acompanhadas dum natural retraimento nos negocios. Ao contrario, as transações foram bastantes vultuosas, o que demonstra em parte a existência de opiniões acentuadamente contraditórias sobre as perspectivas futuras do mercado. Quando o mercado dum produto, cuja situação estatística é boa, se apresen

ta incerto e desordenado como é o caso do algodão, torna-se tarefa difícil e arriscada, apontar as causas provocadoras dessa situação. A título de tentativa, podemos, entretanto alinhar os seguintes fatores que a nosso vêr, estão provocando o presente estado de coisas. Sem o intuito de dispô-los por ordem de importância, podemos citar:

- a) dificuldades de ordem burocrática nas exportações, em parte motivada provavelmente pela pressão da nossa industria têxtil que se acha interessada em manter o seu suprimento a preços inferiores;
- b) desinteresse das fiações pela formação de estoques de algodão, aos preços vigentes;
- c) limitação de numerário para as operações financeiras com o produto;
- d) superestimação da influência da futura safra norte americana;
- e) preços altos do algodão paulista em relação ao produto norte-americano;
- f) rapidez com que a presente safra tem entrado nas máquinas.

Todos esses fatores tem auxiliado direta ou indiretamente a corrente baixista que, desse modo, vem exercendo pressão no mercado, conseguindo deprimi-lo substancialmente.

O preço medio recebido pelos lavradores no interior, foi de Cr. \$ 141,90 por arroba de algodão em caroço ou seja, Cr. \$ 15,50 a mais do que o preço de abril. Sendo este preço determinado aproximadamente no dia 15 de cada mês, não reflete ainda a influência das condições prevaescentes em São Paulo.

A última estimativa registrou uma queda de aproximadamente 3,5% no volume da atual safra, sendo esta avaliada agora em 39.906.766 arrobas de algodão em caroço. Adotando-se o rendimento de 35 %, iremos obter 209.475.000 quilos de algodão em pluma.

Arroz:- Os preços do arroz em casca no interior, reagiram ligeiramente em maio. O preço médio recebido pelos lavradores foi de Cr. \$ 99,90 por sacco, ou seja, Cr. \$ 6,90 a mais que em abril. A essa alta, correspondeu também uma pequena elevação dos preços no mercado de São Paulo. As exportações por Santos tem sido moderadas, atingindo nos cinco primeiros meses do ano, 33.100 toneladas, das quais 29.393 constituidas por fragmentos de arroz.

Feijão:- Permanece a alta nos preços do feijão. O preço médio no interior foi em maio de Cr. \$ 190,80 por sacco de 60 quilos ou Cr. \$ 20,80 a mais que em abril e ainda superior em Cr. \$ 42,70 aos preços vigentes em igual data do ano passado. A última estimativa é praticamente igual a anterior, sendo prevista uma safra da seca de 834.102 sacas.

Amendoim:- Durante o mês não houve alterações de monta na situação deste produto. O preço no interior foi de Cr. \$ 52,80 ligeiramente inferior ao registrado em abril, e refletindo provavelmente o início da safra da seca.

Milho:- Não obstante o preço médio recebido pelos lavradores em maio, ter sido ligeiramente inferior ao de abril ou seja Cr. \$ 67,50 contra Cr. \$ 68,00, o mercado deste cereal apresenta-se com características de firmeza.

Fato de grande importancia e que muito confirma o que acabamos de dizer, reside nas grandes exportações que vem sendo feitas pelo porto de Santos. Com efeito, até maio o volume exportado tinha atingido 101.020 toneladas, ultrapassando as exportações efetuadas em todo o ano de 1.945 que até aqui constituia o ano "record" de nossas vendas ao exterior.

Em Londres, o milho brasileiro está sendo cotado á Cr. \$ 123,00 por 60 quilos. Verifica-se uma grande diferença entre essa cotação e o preço médio de exportação obtido em Santos, que foi de Cr. \$ 86,40 em maio.

A Argentina vem de efetuar vendas para a França na base de Cr. \$ 142,00 por 60 quilos, C&F. Tudo indica que o Brasil continuará a contar este ano, com boas possibilidades de exportação. Com efeito apesar do volume da presente safra argentina - quatro milhões de toneladas - ser aproximadamente cinco vezes maior que a safra anterior, não atinge ainda 60 % da média de pré-guerra, sendo que a quantidade disponível para exportação esta calculada em 2 milhões de toneladas, ou seja, menos de 1/3 da média exportada no periodo de 1934/38.

Mamona:- Verifica-se pequeno retraimento nos mercados importadores desse produto. Não obstante isso, a situação do produto é boa, tendo o preço no interior acusado uma alta de Cr. \$ 0,80 por quilo em relação ao mês anterior, atingindo Cr. \$ 4,07 por quilo. A estimativa para a presente safra é de 595.460 sacas de 50 quilos, ou seja 36% menor que a colhida em 1.950.

Batata:- A alta dos preços da batata iniciada há tempo, não sofreu interrupção, embora tenha sido mais moderada neste mês, o que se explica pela aproximação da nova safra. O preço no interior foi de Cr. \$ 200,20 por saca de 60 quilos em maio e Cr. \$ 183,90 em abril.

Banana:- Com o embarque de 912.117 cachos durante o mês de maio, a banana enviada aos mercados externos até essa data atingiu uma quantidade igual a 62% da exportação total dessa fruta no ano anterior. Conquanto a situação de preços - tanto para a fruta destinada aos mercados externos, como para a desta Capital, continue mais ou menos aquela já mencionada no Boletim anterior, no momento o ambiente é de expectativa, uma vez que, com os embarques deste mês, terminaram os "permissos" em vigor desde o ano passado no comércio dessa fruta com a Argentina.

Pretende-se, é verdade, que dentro de breves dias seja solucionada a questão da exportação da banana para a Argentina, pois já se encontra naquele país, assistido por produtores e exportadores credenciados, um delegado oficial do governo brasileiro, encarregado de assinar um contrato com o governo argentino, relativo a venda dessa fruta, num total de 8 a 10 milhões de cachos, com preço fixado, dentro dos limites do convenio de frutas já assinado pelos dois países. Espera-se que o contrato em vista traga maior liberdade de comércio aos produtores e exportadores.

A normalização do comércio dessa fruta com a Argentina é de grande importância para o nosso Estado, pois, a exportação da banana constitui atividade vital para a extensa zona litoral sul. Basta assinalar que, anualmente, de 1.939 a 1.949, aquele País importou 80% do total saído por Santos. Entretanto, em 1.950, para um total exportado de 7.572.686 cachos, a Argentina recebeu apenas 4.543.173 cachos, ou seja, somente 60% isso devido às conhecidas dificuldades para a obtenção de "permissos" naquele País. Valeu-nos, então as possibilidades abertas pelos "negócios de compensação" - modo pelo qual foram exportados mais de 1,7 milhões de cachos para os países da Europa, notadamente a Suécia, Inglaterra, Alemanha, França e Suíça. Por essa forma, encontrou outros mercados, a fruta, que normalmente, saíria em grande parte para a Argentina. Trata-se de países que, anteriormente a II Guerra Mundial, importavam regulares quantidades de banana paulista.

Os embarques de banana neste ano, para esses paí-

ses da Europa, proseguem em maior ritmo que no ano passado, o que mostra a boa acolhida que ali tem tido essa fruta. O reativamento dêsse comércio com a Europa, na escala conseguida no ano passado e primeiros meses dêste ano é, pois, altamente interessante, uma vez que, assim obtêm-se uma diversificação de mercados bastante necessária para maior segurança da produção dessa fruta.

Para a continuação dêsse comércio, entretanto, é necessário que as autoridades competentes permitam a continuação de "negócios de compensação" com os países da Europa que, de outra forma não teriam meios de importar nossa fruta. Ao contrario, portanto do que acontece com a Argentina que pode comprar nosso produto sem as facilidades de compensação. Nesse sentido, aliás, é de extranhar a noticia de que existiriam interessados trabalhando para o estabelecimento de uma compensação de banana por batata argentina. E isso sem salientar a desvantagem que a operação teria para a produção paulista da batata.

EXPORTAÇÃO DE BANANAS PELO PORTO DE SANTOS

POR PAISES DE DESTINO

CACHOS

A N O S	ARGENTINA	URUGUAI	SUÉCIA	INGLATERRA	ALEMANHA	OUTROS PAISES	TOTAIS
1939	9.423.928	954.867	-	1.244.743	326.246	131.504	12.081.288
1940	8.885.909	1.080.733	-	129.858	-	-	10.096.500
1941	5.474.514	702.165	-	-	-	-	6.176.679
1942	2.841.699	471.456	-	-	-	-	3.313.155
1943	1.920.276	245.311	-	-	-	-	2.165.587
1944	2.123.314	325.131	1.130	-	-	-	2.449.575
1945	2.376.741	302.044	135.594	-	-	100	2.814.479
1946	3.706.554	578.944	366.647	-	-	127.071	4.779.216
1947	4.977.048	801.568	142.826	-	-	297.294	6.218.736
1948	6.798.060	1.123.171	-	-	-	135.859	8.057.090
1949	7.264.410	803.895	46.014	-	-	166.820	8.281.139
1950	4.543.173	1.117.270	1.001.449	150.222	497.439	263.133	7.572.686
51(5 meses)	3.279.450	457.669	470.768	464.486	-	36.296	4.708.671

FONTE:- Seção de Fiscalização e Classificação de Frutas. - Div. Es. Rural

Pastagens: Baixou consideravelmente, em quasi todo o Estado a capacidade das invernadas. O capim gordura já começou a florescer e o colônião com raras excessões já se acha "endurecido": A estiagem e a queda da temperatura tornam a situação cada vez mais anuviada.

entretanto, em algumas regiões, chuvas benéficas verificadas nos ultimos dias do mês passado, contribuíram para manter satisfatório o estado vegetativo dos pastos. Continua em certos setôres a transformação de áreas de pasto em terra de cultura.

Gado de corte:- Quasi não se observa mais a entrada de gado magro proveniente das zonas de criação. A saída de gado gordo atinge maiores proporções nas zonas invernistas. O estado de carne e sanitário dos rebanhos é bom.

Cotações de Barretos:- (Associação Rural do Vale do Rio Grande)
Bovino magro:- Cr\$.1.200,00 a 1.400,00 a cabeça, conforme era, qualidade e apartação.

<u>Bovino gordo</u>	<u>Mercado livre</u>
Novilhos especiais	Cr\$.109,50
Novilhos tipo consumo	109,50
Carreiros e marrucos	104,50
Vacas	95,50

Comparando-se a cotação do mês passado com a atual verifica-se um aumento de quasi 10% nos preços de bois gordos e magros.

Gado de leite:- O estado sanitário do rebanho é satisfatório. Apenas alguns focos de aftosa foram observados. Declina bastante a produção de leite em todas as zonas produtoras do Estado. A produção controlada pelo D.P.A. acusa uma queda de 9,1% entre os meses de março e abril.

Nesse periodo foi bastante aguda a queda na quantidade de leite industrializado que atingiu a 41,4%. O leite entrado na Capital sofreu tambem um decrescimo de 7,0%. Como si não bastasse sem as más condições das pastarias, ainda a falta de torta de algodão veio contribuir categoricamente para tornar mais penosa a situação.

O descontentamento é geral, e em varias regiões já se movimentam os produtores, em concentrações, afim de pleitear aumento para preço do leite cujo custo de produção se eleva com a consequente queda de produção.

Nota-se o desinteresse pela exploração, em algumas zonas, pois que já são comuns esses desequilibrios nesta época do ano.
Avicultura:- É animador verificar-se o entusiasmo pela avicultura em quasi todos os pontos do Estado. Os pedidos de pintos de 1 dia tem sido bastante elevado e a produção possi

velmente não mais poderá atender os solicitantes. Em Itapólis, varias granjas avícolas que haviam paralizado suas atividades, voltaram novamente a exploração tendo algumas delas aumentado seus rebanhos. Continua, todavia a dificuldade na aquisição de alimentos e um tanto elevado o seu custo. Em Piedade verifica-se grande tendencia na exploração avícola e a Casa da Lavoura dessa região tem recebido inumeras consultas a respeito.

Cotação media mensal na Capital:- (fornecida pela Associação Paulista de Avicultura)

Ovos de Granja:-	Caixa de 30 duzias...	CR\$.440,00
Ovos caipira:-	" " " "	380,00
Aves:-	Frango	CR\$.17,00 o quilo (vivo)
	Galinhas	14,50 o quilo (vivo)
	Leghorn	13,00 o quilo (vivo)

Suinocultura:- Ainda permanece favoravel a criação de porcos na zona Sorocabana. Todavia, as perspectivas não são muito animadoras para um futuro proximo, em virtude da safra de milho ser relativamente pequena e constituir o unico alimento utilizado na criação e engorda de porcos.

Cotação de Barretos:- (Associação Rural do Vale do Rio Grande)

Magro:-	CR\$.480,00 a cabeça media de 6 arrobas)
Gordo:-	Tipo A (especiais) CR\$.190,00
	Tipo B (gordo) 180,00
	Encutos 170,00

A TRITICULTURA EM SÃO PAULO

O cultivo economico do trigo em São Paulo é recente e ainda não apresenta expressão economica. A produção obtida nos 3.500 hectares cultivados em 1950 não seria suficiente para cobrir sequer 0,25% do consumo atual do Estado. Contudo, a área plantada, e o volume produzido vem aumentando gradativamente nestes ultimos anos, principalmente devido ao programa de expansão da produção nacional.

Com o objetivo de apreciar o desenvolvimento dessa cultura em nosso hinterland e aquilatar de suas possibilidades de se desenvolver em bases comerciais e de subsistencia, percorremos as zonas onde a referida cultura se desenvolveu mais intensivamente. A par dessa finalidade coletamos dados que nos permitiram calcular o custo de produção desse cereal.

Triticultura Comercial

Um dos pontos fundamentais sobre o qual deve se alicergar o

desenvolvimento das culturas comerciais é a eficiência da exploração. Como sabemos, o trigo é cultura de pequeno rendimento e produto de baixo valor: além disso as nossas condições ecológicas não se apresentam tão favoráveis como as da Argentina, Canadá, U.S.A. etc., que podem colocar aquele cereal em nosso país a preços inferiores aos nossos atuais custos de produção. Por conseguinte, mesmo que certas medidas de amparo oficial sejam dispensadas às nossas lavouras, somente através da máxima eficiência logrará a triticultura manter-se em São Paulo.

Pelos dados obtidos em nossas investigações verificamos que as culturas comerciais geralmente utilizando áreas extensas, tenderá a ser explorada através da moto-mecanização visando assim atingir o mais alto grau de eficiência. O processo manual por sua vez é impraticável naquelas condições porque suas práticas rotineiras comprometem o rendimento; quanto ao sistema de mecanização a tração animal, comumente usado nas culturas de milho e arroz, apresenta os inconvenientes de elevar o custo de produção em consequência do maior uso de braços em todas as operações, principalmente na colheita que aliás se mostra impraticável para grandes áreas. Conforme os números do quadro I, que mostram as despesas incorridas nas diversas operações do cultivo pelo processo moto-mecanizado e mecanizado a tração animal, os gastos com braços elevam-se de CR\$.195,60 para 1.048,10, por hectare, quando se passa do primeiro para o segundo processo.

Notamos ainda que a aplicação deste último sistema eleva as despesas obrigatórias de custeio de 65%, em relação a-quele.

QUADRO I

I T E N S	CULTURAS MOTOMECANIZADAS		CULTURAS A TRAÇÃO ANIMAL	
	Colheita e trilhagem mesânicas		Colheita manual e trilhagem mesânica	
	Cr.\$ por ha.	%	Cr.\$ por ha.	%
Braço	195,60	10,80	1.048,10	53,01
Máquinas	498,90	27,50	175,80	8,89
Veículos	22,40	1,30	12,60	0,64
Animais de susteio	2,20	0,50	100,20	5,07
Sementes	323,60	17,95	334,00	16,90
Utensílios	23,70	1,35	97,60	4,93
TOTAL PARCIAL	1.066,40	-	1.768,30	-
Adubos	689,10	38,15	200,80	10,15
Inseticidas	54,10	2,35	8,10	0,41
TOTAL GERAL	1.809,60	100,00	1.977,20	100,00

Ao lado dos fatos apontados existe ainda a favor da motomecanização, a topografia da zona tritícola que auxilia sobremaneira a aplicação de maquinarias pesadas, permitindo obter melhor preparo do sólo com conseqüente aumento da eficiência.

A utilização de tais maquinarias, contudo, implica em elevado emprêgo de capital o que constitui sério problema para o produtor. Como exemplo, podemos mencionar uma exploração de 200 hectares de trigo, situada na zona de Capão Bonito que estava aplicando maquinarias no valor de CR².560.000,00 .

Entretanto, existem alguns angulos favoráveis à seu desenvolvimento, quais sejam: não competir com outras culturas no uso da terra porque é o trigo cultivado no inverno; servir de útil rotação com certas culturas como a batatinha; difusão e utilização das maquinas em outras explorações da propriedade. Todos esses fatos contribuem para reduzir o custo de produção desse cereal.

Todavia, só com o aumento de eficiência através da melhoria da técnica de exploração poderemos acreditar num futuro mais promissor para triticultura de São Paulo.

Triticultura de subsistencia

A exploração manual, embora não ofereça perspectivas para desenvolver-se como cultura comercial por tornar-se inviável quando feita em lavouras extensas, possui possibilidades de exito desde que se restrinja a pequenas áreas para produção de subsistência. As explorações manuais aplicados em áreas reduzidas apresentam como vantagens baixo custo de produção e bom rendimento, bem como utilização do braço subsidiário.

Investigações realizadas sobre cinco culturas oferecem os seguintes resultados:

QUADRO II
CULTURAS MANUAIS ⁽¹⁾ TRILHAGEM MECÂNICA

I T E N S	Cr. \$ por Hectare	%
Braço	665,80	65,50
Máquinas (trilhadeira)	9,30	0,90
Veículos	40,90	4,00
Animais	15,60	1,50
Semente	285,40	28,10

(1) N° do culturas investigadas.

Estas vantagens nos levam a crer que essas pequenas lavouras poderão se expandir com relativo sucesso como triticultura de autosuficiência desde que sejam tomadas algumas precauções tais como: assistência técnica oficial, instalação de pequenos moinhos nas zonas produtoras afim de transformar o trigo em grão em farinha para o produtor. Nestas condições, o fomento destas culturas contribuiria para melhorar a alimentação do homem rural e difundir conhecimentos sobre esse cereal.

x

TRIGO EM GRÃO FARINHA DE TRIGO
(IMPORTAÇÃO)

ANOS	BRASIL		S. PAULO		BRASIL		S. PAULO	
	Quantidade ton.	Valor Cr. \$ ton.	Quantidade ton.	Valor Cr. \$ ton.	Quantidade ton.	Valor Cr. \$ ton.	Quantidade ton.	Valor Cr. \$ ton.
1945	1.090.327	1.123,00	432.990	1.115,00	141.693	1.722,00	48.852	1.545,00
1946	211.636	1.920,00	67.271	2.026,00	244.268	2.188,00	70.868	2.029,00
1947	368.520	2.870,00	169.230	2.774,00	461.157	3.104,00	160.413	3.064,00
1948	312.977	3.663,00	117.178	3.688,00	402.219	3.346,00	189.136	3.254,00
1949	802.655	2.419,00	280.288	2.371,80	133.749	2.791,00	61.191	2.723,80
1950	1.228.372	1.700,00	-					

FORNTE:- Boletim de Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, Associação Comercial do Estado de São Paulo e Cia. Docas de Santos.-

O sisal, "henequem" e "manila" são as principais fibras duras comerciais e constituem, juntamente com o canhamo a matéria prima fundamental da indústria de cordas e barbantes.

Além de cordas com o sisal fabrica-se tapetes, capachos, redes, sacaria para minerios etc..

Antes da segunda guerra mundial o Brasil importava "sisal" e "manila" para o seu consumo. Durante a guerra fomos obrigados a procurar dentro de nossas fronteiras a matéria prima para a indústria de cordas, o que levou os agricultores e industriais a experiências bem sucedidas. A Paraíba e a Bahia desenvolveram muito sua produção de sisal e o Brasil passou de importador a auto-suficiência e depois a exportador.

Posição mundial:- Tanganika, Kenya, Africa Portuguesa, Índias Ocidentais Holandesas e Indonésia são os produtores quase exclusivos do sisal. O henequem é produzido no México e Cuba e o manila nas Filipinas.

Devido a perfeita adaptação ao fim a que se destina e ao seu baixo custo, a produção e o consumo mundial de Sisal aumentaram de 758% no período de 1913 a 1938, deslocando outras fibras duras, pois a produção total mundial de fibras duras se manteve neste período, praticamente constante, em torno de ... 520.000 toneladas anuais.

Sendo pequeno o número de países produtores de fibras duras e processando-se o seu consumo em todo mundo, a maior parte de sua produção é destinada ao comércio internacional. A guerra provocou a escassez de fibras duras, estando estas entre os primeiros artigos que foram colocados sob controle, pois além do aumento das necessidades devido a própria guerra, o suprimento baixou com a perda de fornecedores importantes como as Filipinas, Índias Ocidentais e Indonésia. Além disso ficou desorganizada a produção de Canhamo da Europa.

Acreditou-se que com a paz fosse normalizado rapidamente o suprimento mundial de fibras duras, pois voltariam ao mercado os países produtores do Pacífico. Ao contrário, em 1946 a produção mundial de fibras duras foi de 365.000 toneladas, ou seja 30% menos que a média de 1934/38. Além disso, não mais de 85% dessa produção foi negociada no mercado mundial, quando antes da guerra, essa proporção era maior.

Preços:- Nestas condições, a supressão, em 1947, do controle aliado sobre as fibras duras deveria provocar alta vertical dos preços; mas não foi isso que se verificou a julgar pelas cotações em nosso mercado. Vemos no quadro abaixo que os preços do Sisal caíram continuamente de 1944 a 1949, havendo reação em 1950 e aumento substancial em 1951.

Preços médios do Sisal brasileiro

1944	Cr\$.8,50 por K _o .	1948	Cr.\$6,00 por K _o .
1945	8,00 " "	1949	5,50 " "
1946	7,00 " "	1950	7,00 " "
1947	6,50 " "	1951	11,00 " "

O preço de Cr\$. por K_o. em 1947, é muito próximo dos Cr\$. 6,00 então vigorantes em Tanganika. Acreditamos que as reduções subsequentes de preços se prendem à má qualidade da fibra, resultante da inexperiência dos primeiros produtores. Por outro lado, as altas havidas em 1950 e 1951 são o resultado da situação política internacional. Essa alta foi geral, e atualmente o Sisal de Tanganika e Kenya de qualidade correspondente ao nosso pe cotado pelo mesmo preço.

A baixa dos preços até 1949 era agravada pela inflação. Parece que a produção só continuou aumentando porque o Sisal leva de 3 a 4 anos para proporcionar o 1º corte e as lavouras que se estabeleceram quando os preços eram elevados tiveram que ser mantidas e exploradas para evitar prejuízos totais.

Exportação Brasileira:- O aumento da exportação brasileira é paralelo ao da produção. Temos conhecimento de pequenas exportações de Sisal da Baía em 1944 e 1945 porém ela só se tornou importante a partir de 1946 que é quando o Anuário Estatístico do I.B.G.E. começa a considerar o Sisal como item independente.

No quadro abaixo damos a exportação brasileira e a participação da Paraíba.

<u>Exportação Brasileira de Sisal</u>		<u>Exportação da Paraíba</u>	
1946	2.758 toneladas	1946	40 toneladas
1947	14.850 "	1947	10.307 "
1948	19.863 "	1948	17.918 "

A predominância da Paraíba em nossa exportação de Sisal se deve principalmente à superior qualidade do produto. Apesar do aumento contínuo da exportação paraibana, que segundo dados não oficiais atingiu 29.221.435 Ks. no período que vai de 1º de julho de 1949 a 30 de junho de 1950, os industriais paulistas continuaram comprar muito pouco Sisal da Paraíba.

Possibilidades no Estado

A elevação dos preços em 1950 e no início de 1951 despertou o interesse pela produção do Sisal no Estado. O desenvolvimento e a estabilização de sua produção depende tanto das possibilidades agrícolas como econômicas.

O aspecto agrícola da produção do Sisal, no Estado, já foi estudado pelo Instituto Agrônomo de Campinas. As experiências feitas foram coroadas de completo êxito. Temos pois, condições

de clima e solos adequados ao cultivo do Sisal, já tendo sido selecionada uma boa variedade para essas condições.

As boas lavouras do Estado apresentam resultados identicos aos obtidos nos grandes centros produtores como Kenya e Tanganyika. A precocidade, o rendimento de fibras por unidade de area, e o espaçamento dos cortes e longevidade de nossas lavouras, são ótimas.

Em comparação com o Nordeste, levamos as seguintes desvantagens: a) preços elevados de terra; b) mão de obra mais cara; c) competição de culturas tradicionais como algodão e milho. O Sisal é uma cultura privilegiada no Nordeste por causa de sua resistência á seca, enquanto aqui podem-se cultivar o algodão, milho etc. nas terras que a ele se prestam.

Nestas condições é o nível de seus preços que determinará o desenvolvimento de nossa produção de Sisal. Não só o nível absoluto dos preços, mas também o relativo.

Tudo leva a crer que a cultura poderá se estabilizar com preços menores aos atuais desde que se mantenha o atual custo de produção, ou então, que, ao se aprofundar a inflação, o custo de produção e o preço de mercado guardem a mesma proporção.

Porem, não basta serem elevados os preços para se produzir Sisal em São Paulo. Também é necessário que para determinada zona agricola do Estado, ou para um grupo determinado de lavradores, o complexo -"condições de produção de Sisal + preço"- proporcione para um mesmo empate de capital maior rendimento economico do que o complexo "condições de produção das culturas concorrentes + preços das culturas concorrentes".

Para a instalação da cultura em São Paulo, será necessário que os preços permaneçam elevados por algum tempo afim de que os interessados possam se decidir a ingressar no novo ramo da produção.

São pois varias e dificeis as premissas a serem satisfeitas afim de que se expanda nossa produção de Sisal, o que não impede sua realização, pois trata-se de materia prima de importancia estrategica.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL

DIVISÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO
EM SETORES, REGIÕES AGRÍCOLAS
E MUNICÍPIOS

1950

LEGENDA

- ⊙ SEDE DOS SETORES AGRÍCOLAS
- ⊙ SEDE DAS REGIÕES AGRÍCOLAS
- MUNICÍPIOS
- DIVISA DE SETORES
- DIVISA DE REGIÕES
- DIVISA DE MUNICÍPIOS